

C B  
H A

40° COLÓQUIO DO  
COMITÊ BRASILEIRO  
DE HISTÓRIA DA ARTE

# PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO  
COMITÊ BRASILEIRO  
DE HISTÓRIA DA ARTE

# *PESQUISAS EM DIÁLOGO*

Realização



Co-realização



Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte  
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

**Diretoria do CBHA (2020-2022)**

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

**Conselho Deliberativo (2020-2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

**Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

**Imagem da Capa**

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

**Diagramação**

Vasto Art

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

**Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo**

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

**CDD: 709.81**

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)



# Crítica e curadoria como espaços de discussão da arte

Lisbeth Rebollo Gonçalves, Universidade de São Paulo/ CBHA

## Resumo

O discurso da Crítica de Arte no campo das artes visuais não cessou de se transformar ao longo do tempo. Ademais da articulação já consagrada entre Crítica, Estética e História da Arte, ainda hoje, em constante processo de discussão pelos estudiosos da arte, vemos, também agora, a necessidade de pensar a crítica em articulação com outra realidade – a curadoria em sua tarefa de organizar exposições de arte. Este é, ao nosso entender, um *lugar* fundamental para pensar atualmente a práxis da crítica de arte, seus desafios, sua utilidade, sua especificidade, sua relação com a construção de conhecimento na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Crítica. Curadoria. Mercado de Arte.

## Abstract

The Art Criticism discourse in the visual art field has not ceased overtime. Besides the already consecrated articulation among Criticism, Esthetics and Art History, up to now in a constant process of discussion by the art scholars, we find the necessity of thinking the criticism in articulation with another reality – the curatorship in its function of organizing art exhibitions. This is, according to our understanding, a fundamental place to the up-to-date analysis of the art criticism praxis, its challenges, its use, its specificity, its relationship with the knowledge construction in a contemporary society.

Keywords: Criticism, Curatorship, Art Market.

Este artigo discute a presença da crítica e da curadoria no circuito da arte. Para nos aproximarmos deste campo, adotamos a estratégia de trabalhar, primeiramente, os conceitos que constituem o foco de nossa preocupação, isto é, vamos contornar as ideias que temos presentemente sobre crítica e curadoria.

Começemos com o conceito de Crítica. Como defini-la?

Uma consulta à bibliografia que estuda este campo permite-nos dizer o seguinte:

A crítica de arte é um discurso ou um pensamento que se elabora em torno de obras de arte, tomando em conta a singularidade da obra de arte. Não é um discurso sobre a arte em geral. É um discurso que põe o foco na obra em si mesma. A crítica observa obras que se produzem na realidade contemporânea de quem a pratica. A crítica se faz sobre obras do presente, sobre a produção artística contemporânea.

A crítica é uma apreciação sobre as qualidades, o sentido e o sucesso na realização dos propósitos a que o artista se propõe. Há, na prática da crítica, uma intenção de exercer influência sobre o desenvolvimento da arte.

O trabalho crítico implica um processo de quatro operações: descrição (o crítico observa, se dá conta de qualidades da obra), avaliação (julga ou aprecia a qualidade da obra), interpretação (analisa e apresenta um conteúdo ou sentido), expressão (o crítico comunica, em seu discurso, suas escolhas, suas concepções, seus gostos, seus sentimentos).

Nenhuma destas operações acontece isoladamente, mas sim sempre interativamente. Cada um destes procedimentos está imbricado no outro. Mas, ao final, é pela avaliação que a crítica se faz presente, que ela acontece enquanto comunicação.

Estas dimensões, que acabamos de destacar, são trabalhadas desde o século XIX, com Dredsner, no século aparecem em Venturi, no seu clássico livro História da Crítica de Arte, escrito em 1936, até em contribuições mais recentes como a de Baxandall (Formas da Intenção).

Venturi já dizia que crítica: “é o julgamento produzido sobre um artista ou obra de arte a qual constitui o centro da atividade crítica”. Baxandall observa que a crítica é uma interpretação que se projeta no discurso sobre as intenções de um artista em uma obra ou em um conjunto de obras.

A crítica é explicada, desde o séc. XIX, como discurso autônomo, até mesmo como um “Gênero literário” (definição, por exemplo, de Dredsner, na Alemanha do fim do séc. XIX, no livro *Der Weg das Kunst*). Este autor, aliás, já a define como discurso com a função de examinar e avaliar seu objeto, e também visando influenciar a arte contemporânea (a arte atual de cada tempo).

Na prática da crítica, dá-se uma intrincada relação com a estética. Desta disciplina, a Estética — assim como da prática da crítica, emergem critérios para a arte, que por sua vez, pautam critérios de avaliação, os quais, reconhecidamente, podem ser múltiplos, variáveis, passíveis de revisão conforme o momento da arte e conforme o leitor.

A relação da Crítica com a Estética é inseparável, dialógica e dinâmica. Além do mais, a crítica, quando em sua plena vitalidade, debruça-se sobre suas próprias avaliações, sobre as justificativas de sua apreciação, pensa o valor de seu julgamento – a crítica se pensa a si mesma. Há um processo de “crítica da crítica” em contínuo desenvolvimento pelos que pensam sua prática enquanto críticos.

A crítica ilustra a comunicabilidade e o aspecto argumentativo da experiência estética. É uma instância de recepção da arte e, ao mesmo tempo, uma mediação entre a obra e o espectador.

O crítico dá esclarecimentos ao público leitor e aos artistas. Seu papel é de intermediação. A condição para que ele exerça a sua função é que o objeto qualificado como obra de arte esteja presente na consciência social, cultural dos leitores. Deve haver um público habilitado a receber, a acolher a obra de arte, um público versado em arte.

Fato a considerar, porém, é que a potencialidade enigmática da obra de arte nunca se esgota, fazendo deste escrito sobre arte, deste discurso que se produz pelo efeito da obra de arte sobre um observador especializado, que intermedia a arte ao público, um discurso sempre transitório, ainda que bem fundamentado.

A qualidade transitória da crítica abre espaço para a discussão, o debate. A crítica não é mais que um comentário sobre arte (Lyotard), com intenção de exercer influência sobre seus rumos.

A crítica põe em evidência um universo de significações, insere-se num campo gnosiológico, faz conhecer. Apesar de ser um comentário, uma interpretação, o crítico é um leitor, mas um leitor in fabula, como diz Umberto Eco. Na crítica, busca-se o sentido da obra de arte, num quadro geral de valores culturais, de critérios estéticos, e em relação a paradigmas da história da arte.

A crítica, com sua interpretação, põe em ativação a obra de arte, produz a sua atualização, isto é, põe em funcionamento a comunicação da obra. Pela crítica, a obra de arte é posta em relação com modos de construção cultural significativos em sociedade.

## Curadoria

A origem do termo curadoria (do latim *curare*) vincula-se à ideia de cuidar, tratar.

No contexto da história cultural, e com o sentido de “cuidar, tratar, organizar”, a prática emergiu, há muito tempo: surgiu com o colecionismo e o impulso dos colecionadores – os *connaisseurs* -- em organizar suas coleções e exibi-las, primeiro no campo das antiguidades, depois no das artes plásticas.

Vale destacar que, mesmo no início dos museus de arte moderna (o MoMA de Nova York, é o primeiro), ainda se encontra o curador com a tarefa de cuidar e conservar as obras do acervo, sistematizar a coleção e promover a sua exibição. Mas, neste contexto museológico voltado para a arte moderna, logo a

estas tarefas é somada uma nova: a de construir a agenda de exposições de arte do momento que lhes é atual, do momento a eles contemporâneo. A arte moderna lida com o *novo*, tem como pressuposto a ideia de *ruptura*.

Cabia aos conservadores dos museus de arte moderna, igualmente, construir um programa de mostras voltadas ao público e pensar o seu modo de apresentação.

Esta tarefa de promover mostras sobre a produção artística atual pressupunha a necessidade da prática da crítica. Com as mostras de arte realizam um trabalho de interpretação. E, neste sentido, a *escritura de uma exposição* torna-se um *modo crítico de arte*.

Foi com o foco na arte do momento que os museus de arte moderna identificaram mudanças na linguagem da arte, acontecidas de 1960 em diante, e com estas exposições que organizaram eles legitimaram a arte contemporânea e sua nova semântica.

Basta observar a história das exposições nestes museus, do final dos anos 1960 em diante. Aqui lembraremos alguns curadores notórios neste processo, cujos exemplos nos ajudam a pensar o perfil que assume a prática da curadoria daí para frente. Citaria o exemplo do francês Pierre Restany e o do suíço-alemão Harald Szeemann. E, só a menção de seus nomes, já faz pensar na relação imbricada que, a partir desse momento, aparece entre a curadoria e a crítica.

Os dois curadores são críticos de arte, intelectuais que pensam arte contemporânea, pesquisam a produção do artista de seu tempo, em busca de nova linguagem, sistematizam movimentos, querem influir no rumo da arte. No caso de Restany, o vemos como um grande articulador no movimento *Novo Realismo*; estes curadores organizam exposições que marcam época, dirigem instituição cultural – no caso de Szeemann (*Quando as atitudes se tornam forma*; dirige a Kunsthalle de Berna); organizam grandes exposições de grande porte como a Bienal de Veneza (experiência presente na trajetória dos dois críticos) e a Documenta de Kassel (experiência no caso de Szeemann).

Eles – como outros críticos em outros países, inclusive, no Brasil -- exercem a atividade de curadoria, como uma prática de crítica, pois, todos eles atuam organizando exposições e escrevendo sobre a arte do seu tempo e seus novos rumos. E podemos afirmar que, a curadoria, na sua interface com a crítica, será fator fundamental no processo de emergência da arte contemporânea.

Na atualidade, podemos ver o curador, com o perfil de crítico, também atuando no contexto da organização de grandes exposições como as bienais. Nelas, há uma forte presença do interesse econômico que é preciso sublinhar. O trabalho do curador converge para por em circulação, no sistema da arte, novos artistas, com valor de mercado. Os curadores trabalham também para galerias de arte. Promovem exposições, sob encomenda, para centros culturais e outros espaços ligados a empresas. Atuam, recentemente, também na organização de Feiras de Arte.

A curadoria, no final do séc. XX, e nas duas primeiras décadas do séc. XXI, vem assumindo cada vez mais, um comprometimento com o mercado de arte.

Tem uma relação de aderência com a prática do mercado de arte, insere-se no circuito econômico da arte, contribuindo para atribuir valor financeiro às obras de arte. Na arte atual, mais que da Estética ou da História da Arte, a motivação do curador vem do mercado de arte.

Para o francês Dominique Berthet, o trabalho de curadoria que emergiu na Europa e nos Estados Unidos, dos anos 1980 em diante, surgiu marcado por este vetor do mercado. Segundo este autor entende, o curador vai tomar a posição de crítico, mas como tal, será um porta-voz, não independente, mas institucional. Passa a ser um aliado de diretores de galerias de arte e de diretores de museus, passa a ser um agente do sistema. O autor vê, nesta situação, um impasse que, sob a ótica da crítica, precisa ser estudado. A constatação de Berthet me parece válida para a realidade do Brasil, especialmente a partir dos anos 1990.

No contexto brasileiro atual, há ainda mais um fato a observar: é a presença do trabalho de curadoria exercido por críticos de arte, nos quadros de projetos dos produtores culturais -- um novo agente no cenário da arte, que atua, seja na promoção de eventos de outras instituições, seja como proponente de eventos que se vendem a estas instituições, concorrendo às verbas públicas de apoio à cultura

Neste breve exercício para pensar o que caracteriza a prática da crítica de arte e a prática da curadoria no circuito da arte, sobressai o desafio dimensionar a contribuição do crítico e do curador ao campo do pensamento, como especialistas, ao produzirem seus “escritos sobre arte”.

Respostas para este desafio? – é preciso buscá-las.

---

## Referências

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

BERTHET, Dominique. *Les défis de la critique d'art*. Paris: Kimé. 2006.

BERTHET, Dominique. *Pour une critique d'art engagée*. Paris: L´Harmattan, 2013.

CRITIQUE d'art: *actualité internationale de la littérature critique sur l'art contemporaine*. Rennes: ACA /Université Rennes 2, 1993-. 1993-2020. ISSN 2265-9404.

DRESDNER, Albert. *La genèse de la critique d'art*. Paris: École nationale supérieure des Beaux-Arts, 2005.



ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados ante la cultura de masas*. Barcelona: Editorial Lumen, 1968.

FABRIS, Annateresa; GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (Orgs.). *Os lugares da crítica de arte*. São Paulo: ABCA/IMESP, 2005.

LEROUX, Claire; POINSOT, Jean- Marc. *Entre élection et sélection: le critique face à ses choix*. Dijon: Les Presses du Réel, 2017.

LYOTARD, Jean-François. *Discurso figura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

POINSOT, Jean-Marc. *Quand l'œuvre a lieu: l'art exposé et ses récits autorisés*. Villeurbanne: Institut d'art contemporain, 1999.

VENTURI, Lionello. *História da crítica de arte*. Lisboa: Edições 70. 2007.

**Como citar:**

REBOLLO GONÇALVES, Lisbeth. Crítica e curadoria como espaços de discussão da arte. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 206-211, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.17>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>